Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Kraôs entregaram à Funai denúncia contra delegado

O Popular
04/03/82

Estão nas mãos do presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, as denúncias contra o delegado do órgão em Goiânia. Elas foram entregues no final do mês passado pelo cacique Kraô João Canuto, da aldeia de Galheiros, que se recusa a reconhecer Ivan Baiocchi como representante do órgão na reserva.

Na semana passada, caciques Xerente do extremo Norte de Goiás também estiveram na Funai em Brasília para reivindicar recursos e reclamar da falta de assistência.

CONFLITO

A crise entre Funai e índios Kraô teve seu ponto máximo na primeira metade do mês de janeiro, quando funcionários do órgão e agentes da Polícia Federal entraram na aldeia de João Canuto para prender o indigenista e ex-funcionário da Funai Paulo César Silva, sob a alegação de que ele estaria plantando maconha e introduzindo grande quantidade de bebida alcóolica na reserva, o que foi desmentido posteriormente.

Os policiais foram cercados e tiveram uma metralhadora e quatro revólveres apreendidos pelos índios. Os funcionários da Funai foram espancados para não mentirem mais, enquanto que os demais funcionários ficaram sob observação até que as direções da Fundação e da Polícia Federal se dispusessem a comparecer na aldeia para receber as reivindicações e garantir a liberdade de Paulo César. Pouco tempo depois, Paulo e vários outros indigenistas e antropólogos se reuniram com os caciques em Brasília para formularem uma série de acusações contra Baiocchi. Na ocasião, Paulo Leal pediu um prazo de dois meses para levantar as denúncias e tomar as medidas cabíveis.

PERMISSÃO

Por ocasião da entrega das denúncias à cúpula do órgão, João Canuto recebeu garantias de que Paulo César e o antropólogo Gilberto Azenha poderiam entrar e sair na reserva por um período de oito meses, podendo ser renovado, para realizarem estudos e desenvolverem seus trabalhos. Paulo Leal chegou a dizer que das reservas indígenas de Goiás, a única que tem poucos problemas e onde os índios têm um padrão de vida superior é a de Galheiros onde os dois trabalham. Com isso ficou comprovado que as acusações de plantação de maconha, feitas pela delegacia da Funai em Goiânia, não visavam apenas defender os interesses dos índios.

Há tempos, Gilberto e Paulo, através do Centro de Trabalhos Indígenas, vem executando um projeto de lavoura comunitária na aldeia de Galheiros, visando aumentar a produção e reduzir a dependência da tribo. O trabalho do antropólogo e do indigenista vai desde a orientação até o trabalho braçal por ocasião da colheita. O resultado desse trabalho até agora deixou um saldo considerado positivo pelos próprios índios, já que muitos fazendeiros brancos da região não conseguem um padrão de vida melhor.

DEMISSÕES

Apesar de ter prometido em 60 dias apurar as denúncias contra Baiocchi, Paulo Leal poderá mudar o prazo, já que anteontem o diretor-geral de Operações do órgão, coronel Antônio Silveira, o mesmo que esteve em Galheiros por ocasião da crise, pediu exoneração. Fontes da Funai em Brasília informaram que várias outras exonerações ou demissões poderão ocorrer ainda nesta semana. Além do coronel Silveira, estava prevista ainda a demissão dos coronéis Ivan Zanoni Hausen, Cláudio Pégano e Otávio Lima.

Desde o ano passado estão surgindo reclamações contra a atuação deles. Um dos coordenadores da União das Nações Indígenas, Bosco Terena, chegou a dizer em Goiânia que eles estavam tratando os índios como se fossem seus soldados. Há um mês, numa reunião que durou mais de três horas, um grupo de antropólogos liderado pela professora Eunice Durehein explicou ao presidente da Funai que o clima entre a Fundação e índios seria difícil de melhorar, enquanto os coronéis Zanoni e Silveira fizessem parte da direção daquele órgão.